



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEl)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma “antropografia” (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

Canto, imersão e experiência: Notas sobre um ensaio audiovisual acerca da experiência musical no Toré dos Kariri-Xocó

Autoria: Alice Martins Villela Pinto (USP - Universidade de São Paulo)

Este work apresenta o processo de realização de um ensaio audiovisual acerca da experiência de imersão junto à música e os rituais Kariri-Xocó. Os Kariri-Xocó são um povo indígena que vive na beira do Rio São Francisco no estado de Alagoas e as imagens foram capturadas em 2017 na ocasião da produção de uma série documental. A proposta aqui é uma remontagem do material a partir da seguinte questão: como o filme pode comunicar a intensidade da experiência musical que envolve todos os sentidos? A aposta deste ensaio audiovisual é não apenas que o ritual e a experiência musical são multisensoriais, mas que o tipo de conhecimento experimental multissensorial através do filme nos permite ?conhecer? de diferentes maneiras (Gubner, 2018). Que tipo de etnografia pode-se fazer com este tipo de imagens? Que experiência é tematizada e como ela pode ser acessada pelo filme? Estas são algumas das questões que esta comunicação pretende tangenciar em diálogo com a ideia de MacDougall (1998) de que o filme, como uma forma expressiva, se aproxima do ritual, das festas e das performances musicais de uma maneira mais efetiva do



que a escrita etnográfica, pois seu significado é proposicional e performativo (MacDougall, 1998).



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: